

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
COORDENAÇÃO DE TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM INOVAÇÃO E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO

PAULA PICCO

**A IMPORTÂNCIA DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO PROCESSO DE  
ALFABETIZAÇÃO COM A UTILIZAÇÃO DE RECURSOS TECNOLÓGICOS**

MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA  
2020

PAULA PICCO

**A IMPORTÂNCIA DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO PROCESSO DE  
ALFABETIZAÇÃO COM A UTILIZAÇÃO DE RECURSOS TECNOLÓGICOS**

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Inovação e Tecnologias na Educação na Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Tarlíz Liao

CURITIBA

2020



Ministério da Educação  
**Universidade Tecnológica Federal do Paraná**  
Câmpus Curitiba  
Diretoria de Pesquisa e PósGraduação  
Coordenação de Tecnologia na Educação  
Especialização em Inovação e Tecnologias na Educação



---

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

### **A IMPORTÂNCIA DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO COM A UTILIZAÇÃO DE RECURSOS TECNOLÓGICOS.**

**POR**

**PAULA PICCO**

Monografia apresentada com o objetivo de preencher o dia, mês e ano como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Inovação e Tecnologias na Educação. O candidato foi arguido pela banca examinadora composta pelos professores abaixo assinados e após deliberação, considerou-se o trabalho aprovado.

---

Tarliz Liao  
Prof. Orientador

---

Fabricio Dias de Andrade  
Membro titular

---

Flavia Sucheck  
Membro titular

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso –

## **AGRADECIMENTOS**

Certamente, estes parágrafos não abarcam todas as pessoas que fizeram parte dessa importante fase de minha vida. Portanto, desde já, peço desculpas àquelas que não estão presentes entre estas palavras, mas tenham certeza de que fazem parte do meu pensamento e de minha gratidão.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Tarliz Liao, pela sabedoria e paciência com que me guiou nesta trajetória e pelo apoio e incentivo quanto à minha qualificação.

Aos meus colegas de sala.

À Secretaria do Curso pela cooperação.

Ao Colégio Nossa Senhora do Rosário que me oportunizou realizar esta pós-graduação.

Gostaria de deixar registrado também o meu reconhecimento à minha família, pois acredito que sem o apoio dela seria muito difícil vencer esse desafio.

Enfim, a todos que por algum motivo contribuíram para a realização desta pesquisa.

## RESUMO

PICCO, Paula. **A importância da consciência fonológica no processo de alfabetização com a utilização de recursos tecnológicos**. 2020. 38 fls. Monografia. Especialização em Inovação e Tecnologias na Educação. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2020.

A alfabetização é um pilar fundamental para o desenvolvimento pleno das crianças, é um processo de suma importância para o professor alfabetizador. De acordo com a BNCC, a criança no 1º ano tem a compreensão do princípio alfabético e no 2º, passa a ter mais contato com pontuação e a regularidade ortográfica. Com base nessa variabilidade esta pesquisa tem como objetivo conceituar a alfabetização, analisar a construção das hipóteses da escrita ao mesmo tempo em que entram em contato com textos reais e conceituar a função social de cada uma correlacionando entre a consciência fonológica, a leitura e a escrita. Toda essa análise partirá de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, buscando conhecimentos para analisar não só a importância da aquisição do sistema alfabético-ortográfico, mas também a fim de mostrar a importância da consciência fonológica para o desenvolvimento da criança em fase de alfabetização. Durante o processo, pretendemos investigar de que forma os recursos digitais ou plataformas podem auxiliar no processo de alfabetização (consciência fonológica), a fim de desenvolver habilidades em manipular os sons das letras para construção de novas palavras.

Palavras-chave: Alfabetização. Consciência fonológica. BNCC. Recursos tecnológicos.

## ABSTRACT

PICCO, Paula. **The importance of phonological awareness in the literacy process with the use of technological resources**. 2020. 38 p. Monograph. Specialization in Innovation and Technologies in Education. Federal Technological University of Paraná. Curitiba, 2020. Curitiba, 2020.

Literacy is a fundamental pillar for the full development of children. It is an important process for the literacy teacher. According to the BNCC, children in the 1st year understand the alphabetical principle, however during the 2nd year, they have more contact with punctuation rules and orthographic regularity. Based on this variability, this research aims to conceptualize literacy, analyze the construction of writing hypotheses concomitantly to the student contact with real texts, and conceptualize the social function of each one correlating to phonological awareness, reading and writing. All of this analysis will start from a qualitative and bibliographic research, searching for knowledge to analyze not only the importance of acquiring the alphabetical-orthographic system, but also in order to show the importance of phonological awareness for the development of children in the literacy phase. During this process, we intend to investigate how digital resources or platforms can assist in the literacy process (phonological awareness), in order to develop skills to use the letters' sounds to build new words.

Keywords: Literacy. Phonological awareness. BNCC. Technological resources.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Hipótese da escrita: Pré-silábica (exemplo 1) .....	15
<b>Figura 2</b> – Hipótese da escrita: Pré-silábica (exemplo 2) .....	16
<b>Figura 3</b> – Hipótese da escrita: Intermediário – silábico sem valor sonoro (exemplo 1) .....	17
<b>Figura 4</b> – Hipótese da escrita: Intermediário – silábico sem valor sonoro (exemplo 2) .....	17
<b>Figura 5</b> – Hipótese da escrita: Silábico – silábico com valor sonoro (exemplo 1) ...	18
<b>Figura 6</b> – Hipótese da escrita: Silábico – silábico com valor sonoro (exemplo 2) ...	18
<b>Figura 7</b> – Hipótese da escrita: Silábico–alfabética (exemplo 1) .....	19
<b>Figura 8</b> – Hipótese da escrita: Silábico–alfabética (exemplo 2) .....	20
<b>Figura 9</b> – Hipótese da escrita: Alfabética (exemplo 1) .....	21
<b>Figura 10</b> – Hipótese da escrita: Alfabética (exemplo 2) .....	21

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>11</b>
2.1 O QUE É ALFABETIZAÇÃO?.....	11
2.2 HIPÓTESES DA ESCRITA.....	14
2.2.1 Nível 1 – Hipótese pré-silábica.....	15
2.2.2 Nível 2 – Hipótese Intermediário ou silábico sem valor sonoro.....	16
2.2.3 Nível 3 – Hipótese silábica ou silábica com valor sonoro.....	17
2.2.4 Nível 4 – Hipótese sílabico alfabético.....	18
2.2.5 Nível 5 – Hipótese alfabética.....	20
2.3 GERAÇÃO Z E ALFABETIZAÇÃO.....	21
2.4 O QUE É CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA? .....	24
2.5 VISÃO DA BNCC EM RELAÇÃO A ALFABETIZAÇÃO E CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA.....	27
2.6 CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA E O USO DA TECNOLOGIA .....	30
<b>3 METODOLOGIA .....</b>	<b>31</b>
<b>4 ANÁLISE E DISCUSSÕES .....</b>	<b>31</b>
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>35</b>



## 1 INTRODUÇÃO

A temática a ser pontuada em suas diferentes vertentes na educação ainda ocasiona polêmica no campo da alfabetização. A partir dos anos de 1980, as teorias da psicologia e da lingüística passaram a ser consideradas suportes para alfabetização, trazendo em sua forma de análise uma mudança no foco do ensino em métodos de alfabetização para o foco na aprendizagem do sistema de escrita alfabética pela criança, compreendendo então que esta é a representação dos sons da língua.

De acordo com o decreto nº 9765 de 11/4/2019, que instituiu a política nacional de alfabetização, são definidas em linhas gerais ações relacionadas à alfabetização, estabelecendo seis componentes essenciais, dentre esses, dois deles são: a consciência fonêmica e a instrução fonêmica sistemática.

Dentro deste cenário de alfabetização, o último grande salto se deu com a evolução do uso dos recursos tecnológicos, visto que, hoje, é considerado um forte aliado para auxiliar no processo de descoberta do mundo da leitura e da escrita.

A partir destas considerações, pretende-se estudar de que forma os recursos digitais ou plataformas podem auxiliar no processo de alfabetização (consciência fonológica), a fim de desenvolver habilidades em manipular os sons das letras para construção de novas palavras.

É de conhecimento que a fase de alfabetização é um dos momentos mais desafiadores e repleto de descobertas para os alunos. Esse é um processo imprescindível e que garante a seqüência da aprendizagem. Conforme a BNCC, a criança precisa aprender a ler e desenvolver a escrita construindo sentidos coerentes para textos orais e escritos.

Para isso, os recursos tecnológicos vêm sendo cada vez mais passíveis no desenvolvimento de um novo paradigma educacional, oportunizando uma nova leitura ao que se tinha como eixo norteador da leitura e da escrita. Segundo a BNCC, utilizar tecnologias digitais de comunicação e informação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas do cotidiano (incluindo as escolares) ao comunicar, acessar e disseminar informações, faz com que o indivíduo seja mais perspicaz em produzir conhecimentos e resolver problemas.

Devido a essa magnitude, enfatiza-se a importância desta pesquisa que contribui, diretamente, para estudos e mudanças de estratégias que auxiliarão na

aquisição do sistema de escrita alfabética. Além disso, ela objetiva explorar o uso de recursos digitais para desenvolver a capacidade de segmentar de modo consciente as palavras em suas menores unidades; apropriando-se assim da linguagem escrita (codificação e decodificação de sinais).

É fundamental se propor um trabalho sistemático envolvendo a consciência fonológica, identificando e comparando palavras semelhantes e diferentes das sílabas iniciais, mediais e finais, garantindo assim a ludicidade necessária por meio do uso dos recursos digitais.

Estudiosos serão à base da pesquisa a fim de revelar e comprovar que os recursos tecnológicos devem ser usados sim para desenvolver a criatividade dos alunos. Além disso, suas pesquisas poderão auxiliar os professores a aprimorarem a maneira de ensinar nesse novo contexto histórico para que se adaptem aos novos tempos, atendendo a demanda desta nova geração.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

Para a constatação do que se apresenta nesse aspecto foram pesquisados diferentes autores, que conceituam o processo de alfabetização e suas hipóteses da escrita como forma de fundamentar o que de fato é apresentado explicitamente ao longo do trabalho. Além disso, leva-se em consideração a influência da geração Z<sup>1</sup> neste processo, uma vez que este grupo se destina às crianças que estão em constante desenvolvimento e evoluem de acordo com suas necessidades.

Outra tese abordada está relacionada ao conceito de consciência fonológica e a visão da BNCC no processo de construção da leitura e da escrita, incluindo autores que explanam sobre a importância de desenvolver nas crianças a consciência fonológica para melhor desenvolvimento na habilidade de manipular os sons e as letras, preparando-as para iniciar a alfabetização.

### 2.1 O QUE É ALFABETIZAÇÃO?

Para Emilia Ferreiro (1991), tradicionalmente, a alfabetização inicial é considerada em função da relação entre o método utilizado e o estado de maturidade ou de “prontidão” da criança. Os dois pólos do processo de aprendizagem (quem ensina e quem aprende) têm sido caracterizados sem que se leve em conta o terceiro elemento da natureza: a natureza do objeto de conhecimento envolvendo esta aprendizagem.

Neste sentido, percebe-se que a alfabetização é um processo de construção de conhecimento e, como tal, é desencadeada pela interação permanente entre a criança e o objeto de aprendizagem. Segundo Paulo Freire (1989) as crianças já estão imersas no processo de alfabetização antes mesmo de entrar na escola. Diz ainda que o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo.

Partindo desse pressuposto entendemos que a partir do momento que a criança ingressa na escola, o professor tem a função de conduzi-la a vivenciar

---

<sup>1</sup>TOLEDO, P. B. F.; et al. O Comportamento da Geração Z e a Influência nas Atitudes dos Professores. Simpósio de Excelência e Gestão em Tecnologia: anais. 9. Resende, 2012.

situações reais, uma vez que a alfabetização é um ato social e tem uma função comunicativa dentro do contexto social.

Subentende-se que a alfabetização então consiste em aprender as letras do alfabeto e de sua utilização como código de comunicação, ou seja, a apropriação do sistema de escrita pressupõe a compreensão do princípio alfabético, indispensável no domínio da leitura e da escrita. Nesse contexto, a criança desenvolve a habilidade de ler e escrever, proporcionando o conhecimento das letras e a habilidade lingüística necessária para comunicação.

Já para Soares, a alfabetização é a aprendizagem da técnica, domínio da escrita, da leitura e da relação que existe entre grafemas e fonemas, assim como dos diferentes instrumentos da escrita. Pode-se dizer que alfabetização, além de representar os sons em letras na escrita e representar as letras em sons na leitura, auxilia as crianças a codificar e decodificar os símbolos, para então processar e compreender o código escrito. Soares explica que:

“[...] no quadro das atuais concepções psicológicas, lingüísticas e psicolingüísticas de leitura e escrita, a entrada da criança no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento(SOARES, 2004, p.14).

Esse processo vai além da decodificação e codificação dos símbolos, em que não se basta somente adquirir habilidades mecânicas, é necessário desenvolver a habilidade de interpretar, compreender, criticar e produzir o conhecimento. Por essa razão, o processo de aquisição da leitura e da escrita se faz necessário por meio da apropriação do sistema alfabético-ortográfico, num contexto do letramento (práticas de leitura e escrita com práticas sociais) que envolva a língua escrita.

Para Morais:

“[...] a aprendizagem dessas regras e convenções do alfabeto não é algo que se dá da noite para o dia, nem mera acumulação de informações que a escola transmite, prontas para o alfabetizando, mas por um percurso evolutivo em que os aprendizes precisam dar conta de dois tipos de aspectos do sistema alfabético: os conceituais e os convencionais(MORAIS, 2012, p.48 - 50).

Pode-se entender então, que a alfabetização, é a aquisição de uma tecnologia: o sistema alfabético-ortográfico. Para isso, é necessário conhecer o

sistema de regras da escrita para compreender o que é lido e transmitir com clareza as ideias, de modo que as pessoas compreendam o texto.

Pode-se dizer ainda que é um processo pelo qual se adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e escrever, ou seja, o domínio da tecnologia, técnicas para exercer o domínio da escrita interligados entre dois fatores.

Val (2006) define a apropriação da escrita como um processo complexo e multifacetado, que envolve tanto o domínio do sistema alfabético-ortográfico quanto à compreensão e o uso efetivo e autônomo da língua escrita em práticas sociais diversificadas, embora seja difícil a concepção da separação entre leitura e escrita

Freire (1989) já depreende o conceito de alfabetização com um significado mais abrangente na medida em que vai além do domínio do código escrito. Enquanto a prática discursiva possibilita uma leitura crítica da realidade, também se constitui como um importante instrumento de resgate da cidadania e reforça o engajamento do cidadão nos movimentos sociais, que lutam pela melhoria da qualidade de vida e pela transformação social.

É fato que a alfabetização não é um processo apenas de memorização. A criança precisa construir um conhecimento para compreender o que a escrita representa e de que forma ela representa graficamente a língua escrita. A criança pode desenvolver a leitura e a escrita, porém se utilizar pouco desta habilidade não se tornará completa no domínio da leitura e da escrita nas diversas práticas sociais

Para as pesquisadoras Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, a escrita não é apenas uma técnica de transcrição de sons em letras, ou seja, um código, já que para elas, os códigos são racionalmente construídos com fins determinados. Para que seu uso seja feito por um número limitado de pessoas e/ou especialistas é necessário que haja uma finalidade, como por exemplo: o código Morse, o Braille, o ascii, o binário, o de barras, e outros.

Subentende-se então que falar em alfabetização como a aprendizagem da codificação, segundo as pesquisadoras supracitadas, é ao mesmo tempo falar da escrita de um código, o que para elas não corresponde à verdade. Sendo assim, quando se entende que ler e escrever corresponde à aprendizagem da decodificação e da codificação, entende-se que se trata do ensino e da aprendizagem de uma técnica em que os aprendizes são solicitados a memorizar as correspondências grafema e fonema para que aprendam a ler e a escrever, mas não só isso, eles sempre serão participantes de comunidades e práticas sociais letradas diferentes.

## 2.2 HIPÓTESES DA ESCRITA

Ferreiro e Teberosky em sua obra *A Psicogênese da língua escrita* afirma que:

“[...] a mão que escreve e o olho que lê estão sob o comando de um cérebro que pensa sobre a escrita que existe em seu meio social e com o qual toma contato através de sua própria participação em atos que envolvem o ler e o escrever em práticas sociais mediadas para a escrita (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999, p.8).

Considerando essa afirmação, o professor deve estar atento nas tentativas de escrita dos seus alunos, assim como, deve investigar o percurso da escrita de cada um, uma vez que se trata de um caminho cheio de obstáculos, conflitos, conquistas e aprendizagens.

Ferreiro afirma ainda que:

“[...] a invenção da escrita foi um processo histórico de construção de um sistema de representação, não um processo de codificação. Uma vez construído, poder-se-ia pensar que o sistema de representação é aprendido pelos novos usuários como um sistema de codificação. (FERREIRO, 1995, p.12).

Sendo assim, elucida-se que a construção da escrita acontece em uma ordem sistematizada de representação, e posteriormente, codificação da língua materna. Neste sentido, o professor passa de transmissor para mediador do processo, com responsabilidade de organizar situações desafiadoras, estimular a troca de conhecimento e os avanços destes em que o processo de construção implica em reconstrução.

Outrossim, a aprendizagem é um processo de apropriação do conhecimento que só é possível com o pensar e o agir do sujeito sobre o objeto que ele quer conhecer. Portanto, a habilidade de poder ler e escrever pela criança acontece a partir do contato entre a criança e os objetos escritos.

Apesar das diferenças individuais, ao tentar compreender o sistema de escrita e sua função, a criança entra em contato com este objeto (a escrita) e busca a aprendizagem na medida em que constrói o raciocínio lógico. O processo evolutivo de

aprender a ler e escrever, por sua vez, passa por níveis de conceitualização que revelam as hipóteses a que cada criança chegou.

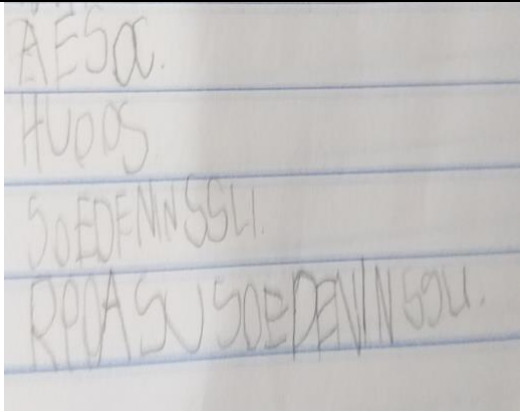
Ainda de acordo com Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999), a criança passa por um processo de aquisição de escrita baseado em cinco níveis de hipóteses: pré-silábica, intermediária, hipótese silábica, hipótese silábico-alfabética e hipótese alfabética. A caracterização de cada nível não é estática, podendo então a criança estar numa determinada hipótese e mesclar conceitos do nível anterior.

### 2.2.1 Nível 1 – Hipótese pré-silábica

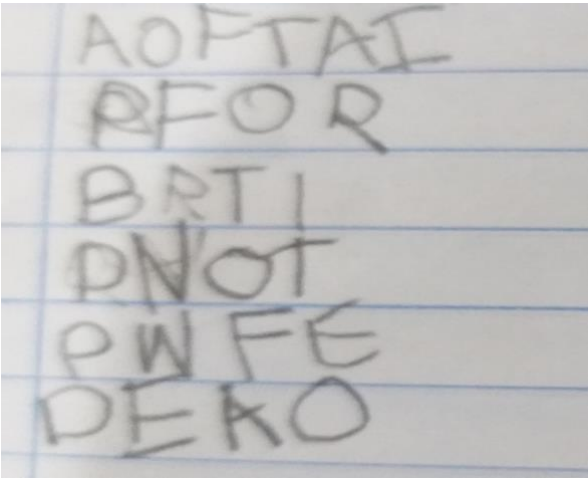
Nesse estágio, a criança não estabelece o vínculo entre a fala e a escrita, ela supõe que a escrita é outra forma de desenhar ou de representar coisas e utiliza-se de desenhos e rabiscos para escrever. Ela também demonstra a intenção de escrever por meio de um traçado linear com formas diferentes. Supõe-se nesse contexto que a escrita representa os objetos e não os seus nomes: coisas grandes devem ter nomes grandes, coisas pequenas devem ter nomes pequenos. Ainda nessa fase ela também faz uso de letras do próprio nome ou letras e números na mesma palavra. Pode conhecer ou não os sons de algumas letras ou de todas elas. Além disso, faz registros diferentes entre palavras modificando a quantidade e a posição. Caracterizandouma palavra com uma letra inicial em que só ela sabe o que quis escrever.

Depreende-se que no nível da hipótese pré-silábica a criança não diferencia a grafia de uma palavra com a outra. Nesta fase a criança é a única capaz de identificar o que fez e é neste momento que o professor se torna a chave fundamental do processo, pois se torna escriba do aluno, assim a escrita pode funcionar como veículo de comunicação (figuras 1 e 2).

ABACAXI	<b>Figura 1 – Hipótese da escrita: Pré-silábica (exemplo 1)</b>
TOMATE	
BOLA	

PÉ	
----	--

Fonte: o autor (2020).

ABACAXI	<p><b>Figura 2 – Hipótese da escrita: Pré-silábica (exemplo 2)</b></p> 
TOMATE	
BOLA	
PÉ	

Fonte: o autor (2020).

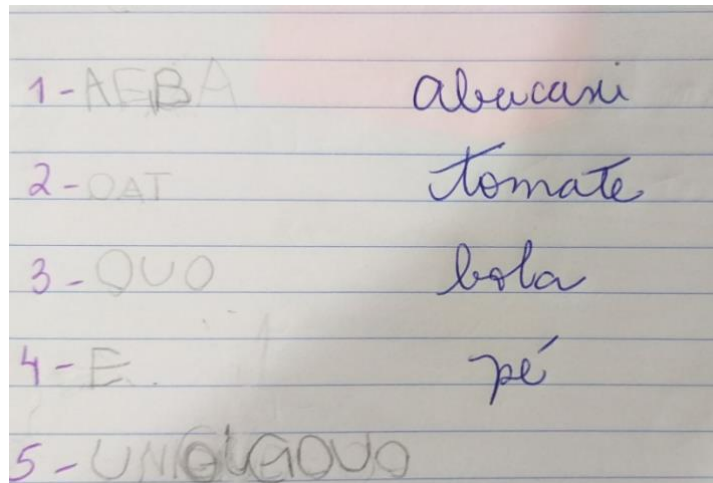
### 2.2.2 Nível 2 – Hipótese Intermediário ou silábico sem valor sonoro

No nível de hipótese silábico sem valor sonoro, a criança começa a ter consciência de que existe alguma relação entre a pronúncia e a escrita, além de começar a desprender a escrita das imagens, dos números e das letras.

Nas tentativas de escrita a criança apresenta progresso gráfico e construtivo em relação ao nível anterior, embora só demonstre estabilidade ao escrever seu próprio nome ou palavras que teve oportunidade e interesse de gravar, uma vez que ainda conserva as hipóteses da quantidade mínima e da variedade de caracteres (figura 3 e 4).

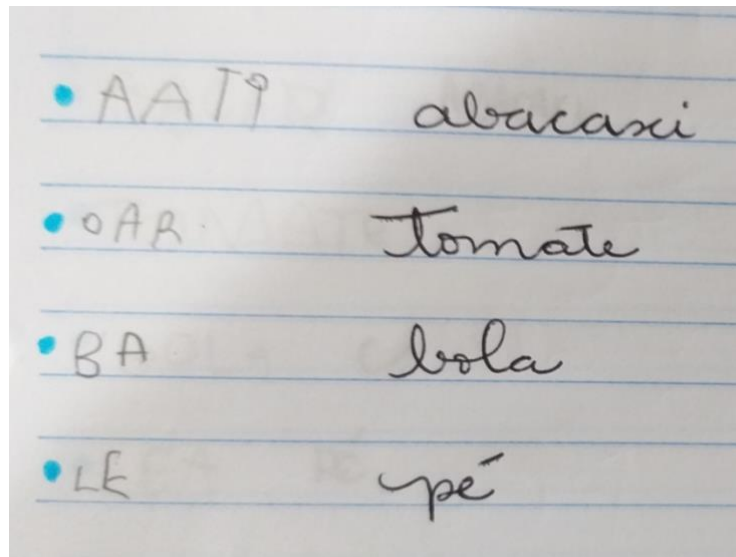


**Figura 3** – Hipótese da escrita: Intermediário – silábico sem valor sonoro (exemplo 1)



Fonte: o autor (2020).

**Figura 4** – Hipótese da escrita: Intermediário – silábico sem valor sonoro (exemplo 2)



Fonte: o autor (2020).

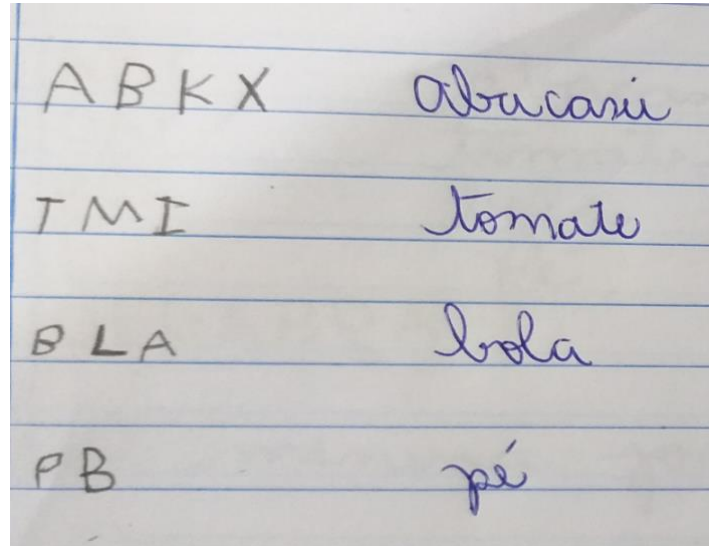
### 2.2.3 Nível 3 – Hipótese silábica ou silábica com valor sonoro

Na hipótese silábica a criança supõe que a escrita representa a fala, tenta fonetizar a escrita e dar valor sonoro as letras. Supõe-se que deve escrever tantos sinais quanto forem às vezes que mexe a boca, ou seja, para cada sílaba oral corresponde uma letra ou um sinal. As letras começam a serem usadas com valores silábicos fixos e o conflito entre a nova fase e a fase anterior provoca na criança um amadurecimento educacional.

Nesta fase, cada sílaba oral corresponderá uma letra ou um sinal. As tentativas de escrita da criança habitua-se aparecer com a representação de uma

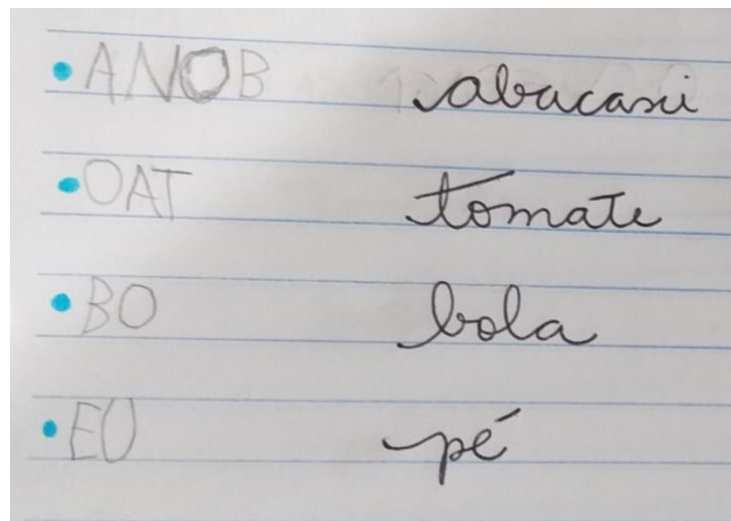
letra para cada palavra, ou seja, a criança começa compreender que as sílabas representam sons e isto provoca um amadurecimento do processo de construção da escrita (figuras 5 e 6).

**Figura 5** – Hipótese da escrita: Silábico – silábico com valor sonoro (exemplo 1)



Fonte: o autor (2020).

**Figura 6** – Hipótese da escrita: Silábico – silábico com valor sonoro (exemplo 2)



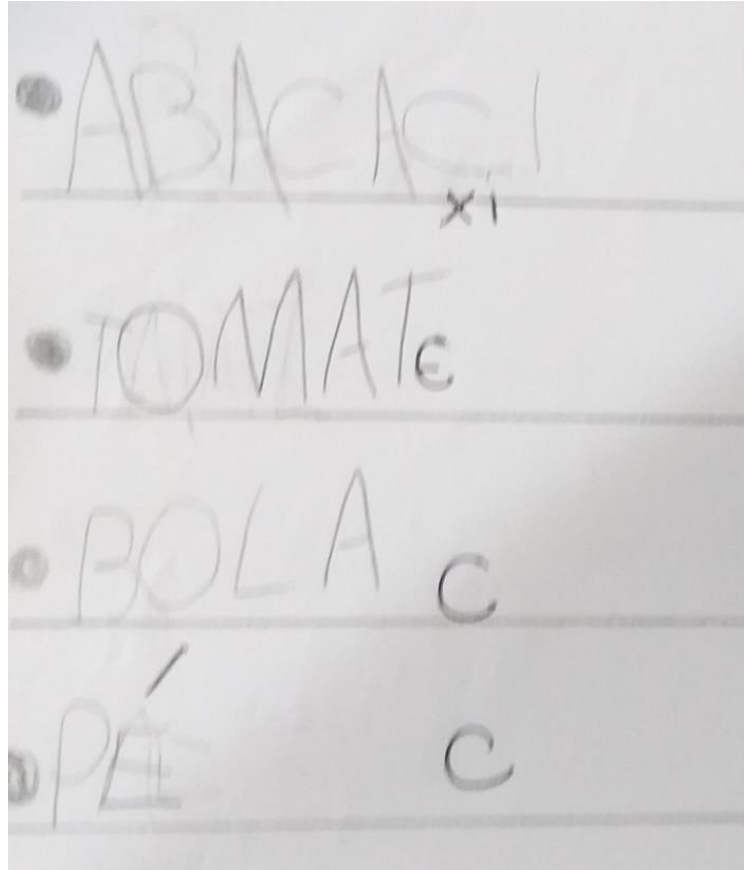
Fonte: o autor (2020).

#### 2.2.4 Nível 4 – Hipótese sílabico alfabético

Quando a criança passa da hipótese silábica para a silábico-alfabético, ela inicia uma busca por símbolos para expressar a escrita dos objetos referidos, tentando aproximar o máximo à representação sonora da representação gráfica.

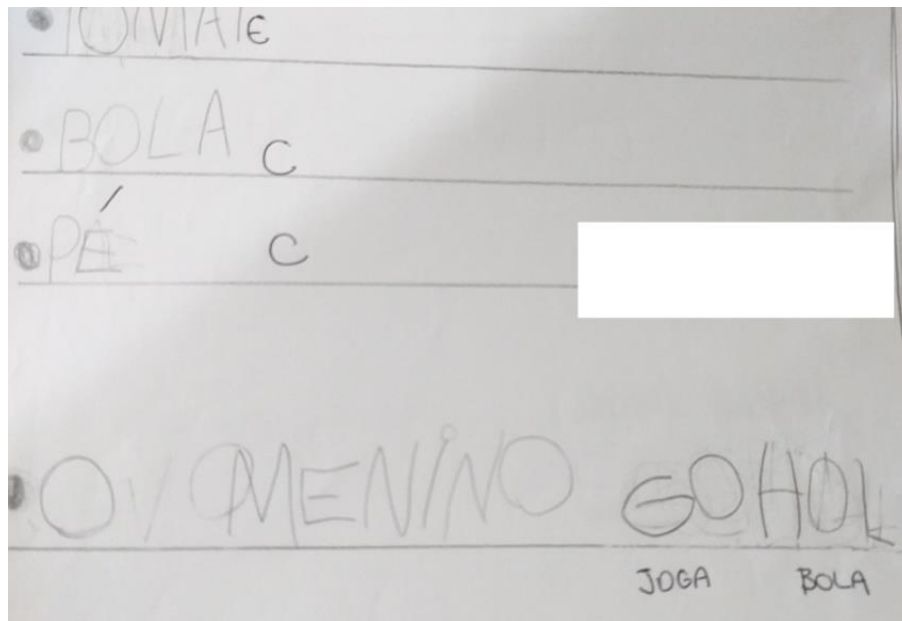
Na fase silábico-alfabético a criança não se contenta mais em registrar uma letra para cada sílaba, ela passa a escrever, colocando mais letras (sílabas que correspondem os sons). Há momentos em que ela escreve atribuindo a cada sílaba uma letra, e outros que ela representa as unidades sonoras menores, os fonemas.

**Figura 7** – Hipótese da escrita: Silábico–alfabética (exemplo 1)



Fonte: o autor (2020).

**Figura 8 – Hipótese da escrita: Silábico–alfabética (exemplo 2)**



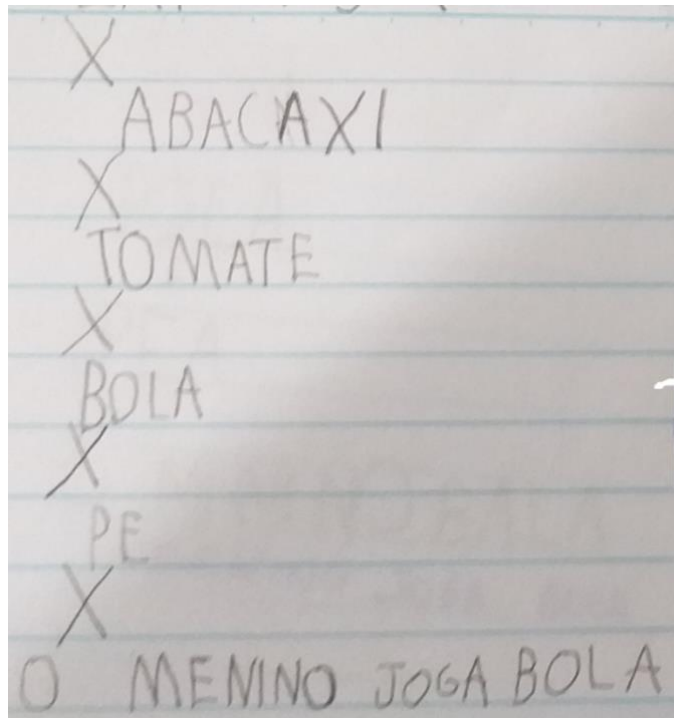
Fonte: o autor (2020).

### 2.2.5 Nível 5 – Hipótese alfabética

Quando chega na hipótese da escrita alfabética a criança compreende que a escrita tem uma função social: a comunicação. Entende-se então que cada um dos caracteres da palavra corresponde a um valor sonoro menor do que a sílaba.

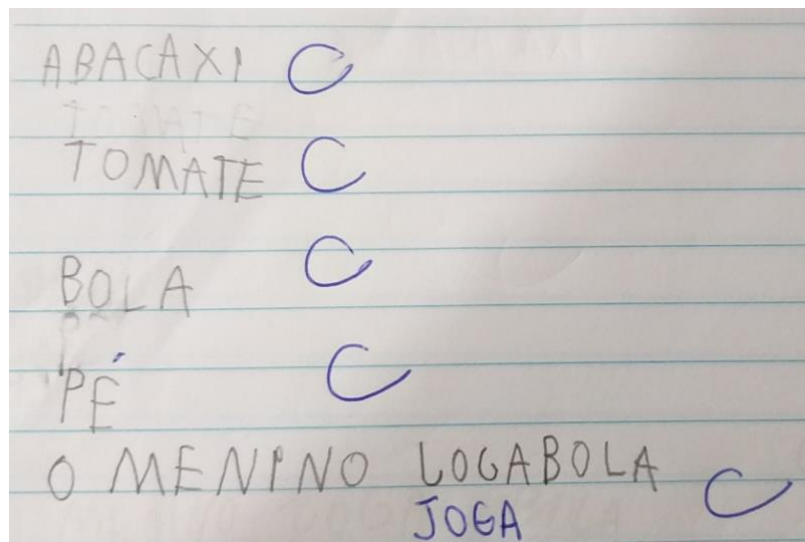
Embora, na transição para esta fase a criança ainda possa omitir letras e não separar todas as palavras na frase, ela é capaz de demonstrar que conhece o modo de construção da escrita (figuras 9 e 10).

**Figura 9–** Hipótese da escrita: Alfabética (exemplo 1)



Fonte: o autor (2020).

**Figura 10–** Hipótese da escrita: Alfabética (exemplo 2)



Fonte: o autor (2020).

### 2.3 GERAÇÃOZ E ALFABETIZAÇÃO

É indiscutível que a cada geração mudam-se as formas de se relacionar, de se comunicar, de trabalhar e até mesmo de enxergar a realidade. Primeiramente, é

importante estabelecer qual é o conceito da palavra geração nesse novo contexto midiático de nossa sociedade. A Geração Z, por exemplo, está direcionada a um grupo de pessoas que nasceu entre o começo dos anos 90 e o fim da primeira década do século XXI (2010). Esse grupo pertence àquelas pessoas que nascem e vivem num mesmo período de tempo e passam por grandes diferenças nos contextos políticos, sociais, culturais, econômicos e tecnológicos.

Essas adversidades existentes influenciam diretamente nos hábitos e na forma de como as pessoas se comportam, agem e convivem umas com as outras, na sociedade. Por essa razão, tais indivíduos aprendem os mesmos princípios, passam pelas mesmas mudanças e compartilham ensinamentos durante o seu ciclo.

Apesar de dividirmos as gerações, as experiências, os gostos e até mesmo a forma de encarar os problemas e as conquistas tendem a ser similares entre os indivíduos de um mesmo grupo.

Segundo Lopes, Pereira e Silva (2016) esta geração é caracterizada por pessoas que estão acostumadas a ter acesso rápido àquilo que procuram, tendem a apresentar um perfil impaciente, inclusive no processo de aquisição do conhecimento, isso significa que a concentração desse grupo diante das informações é muito pequena se não estiver ligada ao interesse.

Esta geração foi a primeira a ser classificada como nativa digital, ou seja, os primeiros que tiveram contato com as novas tecnologias digitais, como computadores, tablets, *smartphones*, videogames. Todo esse aparato faz parte da vida dessas pessoas que provoca além de uma familiaridade com as informações, o conforto com aquilo que já estão habituados a viver: a tecnologia.

É fato que desde pequenos são familiarizados com todas as possibilidades da era tecnológica, e se sentem totalmente à vontade perante qualquer componente eletrônico e tecnológico, isso faz com que os desafios por ela impostos não sejam impossíveis de serem resolvidos, visto que esses indivíduos nunca se viram sem estes recursos, o uso tornou-se algo habitual e simples.

Por fazer parte de um período em que a tecnologia marcou presença sentindo-se seguro para com o funcionamento das ferramentas que circundam o universo de forma a beneficiar a todos que tenham interesse.

De acordo com Borges e Silva (2013), esta geração foi instituída com tal denominação porque passa muito tempo zapeando, olhando a tv, grudada ao telefone e não dá importância para a inter-relação.

Subentende-se então que as pessoas da Geração Z já não conseguem se imaginar viver num mundo em que todas as situações ao seu redor não estejam conectadas num ambiente online, e com troca instantânea de informações.

Barreiras não existem para esse grupo. Afinal, estes não conheceram o mundo sem tecnologia, talvez seja por isso que para eles não existam fronteiras, os “amigos virtuais” estão espalhados pelo mundo, através das redes sociais (BORGES; SILVA, 2013).

Dessa forma, pode-se inferir que as pessoas da geração Z são: nativos digitais; pessoas constantemente conectadas à internet; de forte responsabilidade social e ambiental; adeptos a interação e exposição de suas opiniões no ambiente online; acostumados a terem respostas e informações rapidamente (instantaneidade); muito ansiosos, imediatistas e acostumados com processos rápidos e habituados com os avanços das novas tecnologias.

Como diz Wiesel (2010), quando se refere a eles “são críticos, dinâmicos, tecnológicos e tendem a transformar as interações ecologicamente corretas de agora em hábitos, preferências e ações”.

Desta geração é que se desencadeou a capacidade em desenvolver várias atividades ao mesmo tempo, tornando-os multifacetados. Ela nasceu em meio à globalização, em um mundo conectado. Seus integrantes se adaptam facilmente às novas tecnologias podendo usufruir de informação, entretenimento e estabelecer comunicação a um “click” de distância.

Porém, mesmo que dentro desse contexto novo da tecnologia em prol do conhecimento as famílias não estejam no mesmo patamar, a adaptação natural tornou essas crianças predispostas a essa inovação, tornando-as aptas para desenvolver o que for necessário para sua interação social e educacional.

Considerando, nesse processo, que as crianças apresentam facilidade para lidar com a tecnologia, nada melhor que utilizar essa ferramenta para conseguir atenção e engajamento no processo de alfabetização. A criança se depara por toda a parte com diferentes recursos tecnológicos, que podem facilitar na alfabetização, já que esta é o processo de aquisição do código escrito (alfabeto), envolvendo as capacidades essenciais para a alfabetização. Como sabemos alfabetizar é compreender que existe uma relação entre as letras e os sons e, para isso, o papel do professor é mediar, acompanhar, intervir, orientar o percurso individual com auxílio dos recursos tecnológicos.

Quando bem utilizados, as inúmeras funções dessas tecnologias acabam despertando o interesse dos alunos e facilitando na aprendizagem. Cabe ao professor então, por meio de seu planejamento, apresentar situações intencionais do uso da escrita e leitura utilizando os artefatos que a tecnologia oferece ao mundo da escrita. Portanto, é importante, nessa nova era que o educador aja de forma criativa e analítica, e leve para a sala de aula as ferramentas como aliadas de forma a engajar e estimular o interesse, levando-se em consideração todas as características da geração Z.

No contexto da sala de aula, segundo Toledo e colaboradores (2012), o comportamento da Geração Z orienta-se no sentido de acabar com o reinado das aulas expositivas, pois já não basta a estes alunos intercalarem conteúdos e exercícios: para atrair a atenção deles a tecnologia passa a ser a principal aliada dos professores.

As ferramentas são apenas um caminho, um agente facilitador que não dispensa a necessidade de planejamento, adequação à tarefa e utilização consciente, mas elas transformam o universo da alfabetização em algo prazeroso, que condiz com a compreensão daquilo que se almeja.

## 2.4 O QUE É CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA?

É no período da educação infantil e dos anos iniciais que as crianças aprendem a ler e a escrever e desenvolvem a capacidade de entender a fala e a escrita analisando-a em seus diferentes momentos (grafema, fonema, sílaba, palavra).

Antes que as crianças compreendam o sistema alfabético, elas devem entender que aqueles sons associados às letras são precisamente os mesmos sons da fala. Para nós este conceito parece ser muito fácil, porém para as crianças entenderem que a linguagem falada é composta por pequenas unidades da fala que correspondem as letras, é muito difícil.

Cavalheiro, Santos e Martinez(2010) revelam que a consciência fonológica não pode ser desvinculada da aprendizagem da leitura e da escrita. Apresentam que sem o trabalho com a consciência fonêmica, muitas crianças apresentariam dificuldade para aprender a ler e escrever.



Compreender o conceito de consciência fonológica, examinando diferentes e variadas concepções que vêm sendo formuladas em relação a este, quando buscam explicar seu papel no desenvolvimento da habilidade em manipular os sons e as letras, auxiliam a fim de apropriar-se do sistema alfabético de escrita.

Situar a consciência fonológica no conjunto de habilidades metalingüísticas é entender que o objetivo da mensagem é a própria linguagem utilizada no momento da comunicação.

No decorrer, veremos algumas definições de consciência fonológica por pesquisadores estrangeiros e brasileiros:

“[...] Consciência fonológica é toda forma de conhecimento consciente, reflexivo, explícito, sobre as propriedades da linguagem. Esses conhecimentos são suscetíveis de ser utilizados de maneira intencional. A consciência fonêmica é a forma de consciência fonológica referente aos fonemas (MORAIS, 1996, p.309).

Pode-se dizer que a consciência fonológica nesse caso está associada ao conhecimento das regras de correspondência entre grafemas e fonemas permitindo à criança uma aquisição da escrita com maior facilidade, uma vez que possibilita a generalização e memorização destas relações (sons e letras). “A habilidade metafonológica corresponde àquela (habilidade) de identificar os componentes fonológicos em unidades lingüísticas e de intencionalmente manipulá-los.” (GOMBERT, 1992).

Infere-se então que a habilidade metafonológica é quando uma criança toma consciência, analisa e manipula segmentos ou pedaços da fala, o que inclui a distinção do tamanho das palavras e/ou de suas diferenças e semelhanças sonoras, além de ter percebido que a linguagem oral se constitui de palavras, sílabas e fonemas.

“[...] Frequentemente, o termo consciência fonêmica tem sido usado como equivalente ao termo consciência fonológica. Para sermos mais precisos, a consciência fonêmica se refere a uma compreensão sobre as menores unidades sonoras que compõem a cadeia falada: os fonemas. A consciência fonológica engloba unidades sonoras maiores, tais como sílabas e rimas (IRA, 1998, p.3).

Pode-se dizer que a consciência fonêmica, nesse caso, é a atividade mais sofisticada da consciência fonológica, uma vez que requer a compreensão de que as palavras são formadas por estruturas mínimas e que podem ser recombinadas e

transpostas foneticamente. Dentro desse contexto estão englobadas as habilidades em reconhecimento e produção de rimas, análise, síntese, reversões e outras manipulações silábicas e fonêmicas, além de habilidades em realizar a correspondência entre fonema e grafema e vice-versa. É a consciência dos sons que compõem as palavras que ouvimos e falamos (CARDOSO e MARTINS, 1991).

Entende-se com esse autor que a palavra é constituída por diversos sons ou grupos de sons e que eles podem ser segmentadas em unidades menores (sílabas). De forma genérica o termo consciência fonológica tem sido utilizado para referir-se à habilidade em analisar as palavras da linguagem oral de acordo com as diferentes unidades sonoras que as compõem (BARRERA e MALUF, 2003).

Segundo Capovilla e Capovilla, (2000):

“[...] Refere-se tanto a consciência de que a fala pode ser segmentada quanto a habilidade de manipular tais segmentos, e se desenvolve à medida que a criança vai tomando consciência do sistema sonoro da língua, ou seja, de palavras, sílabas e fonemas como unidades identificáveis.

Conforme definição do PNAIC:

“[...] É um vasto conjunto de habilidades que nos permitem refletir sobre as partes sonoras das palavras. Além de usarmos as palavras para nos comunicarmos, podemos assumir diante delas uma atitude metacognitiva, refletindo sobre sua dimensão sonora. Quando reflete sobre os segmentos das palavras, a pessoa está pondo em ação a consciência fonológica (BRASIL, p. 20-21, 2012).

Pode-se dizer então que a consciência fonológica é a habilidade metalingüística, refere-se à capacidade de pensar a própria língua; é o conhecimento que cada um de nós tem sobre os sons da língua materna, ou seja, é uma competência que permite identificar, manipular e refletir sobre os sons da fala. É também capacidade de perceber que a língua é formada por palavras, as palavras por sílabas, e as sílabas por fonemas (sons). A criança então é capaz de identificar que essas unidades (palavras, sílabas) podem se repetir várias vezes em diferentes palavras e frases.

Nota-se que os diferentes conceitos de cada autor em evidência apresentam alguns pontos em comum sobre a consciência fonológica. A definição de um conhecimento consciente, explícito, ou seja, é a habilidade de dominar os sons de

unidades menores da fala sendo fundamental para a criança aprender a ler e a produzir escrita alfabética.

A consciência fonológica divide-se em dois níveis muito complexos: a consciência silábica e a consciência fonêmica, sendo esta a ordem de trabalho durante a aquisição da leitura e escrita.

As etapas de aquisição da consciência fonológica dependem das experiências lingüísticas, do desenvolvimento cognitivo da criança, e da exposição ao sistema alfabético para aquisição da leitura e escrita. Ainda podemos dizer que ela apresenta níveis para o desenvolvimento da leitura e da escrita. São eles:

- Noção de palavra (capacidade de segmentar a frase em palavras, organizá-las e dar-lhe sentido);
- Noção de rima (capacidade de identificar rimas);
- Aliteração (capacidade de identificar ou repetir a sílaba ou fonema no início da palavra);
- Consciência silábica (capacidade de segmentar palavras em sílabas, a criança tem de identificar e discriminar as sílabas);
- Consciência fonêmica (capacidade de manipular e isolar os fonemas que compõem a palavra).

## 2.5 VISÃO DA BNCC EM RELAÇÃO À ALFABETIZAÇÃO E CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA

Atualmente, as unidades de ensino da educação básica baseiam seus currículos em diretrizes estaduais e municipais, em livros didáticos escolhidos pela rede e pelos resultados de testes nacionais de avaliação de ensino.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é o conjunto de competências e habilidades que norteiam as aprendizagens essenciais que os alunos devem desenvolver ao longo da educação básica. Ela é um documento que direciona a organização curricular e a qualidade da educação para todos, buscando acabar com as diferenças curriculares apresentadas nas diversas políticas educacionais, sempre focando no pleno desenvolvimento do aluno como cidadão.

O documento mantém os principais pressupostos presentes em diretrizes anteriores, como os Parâmetros Nacionais Curriculares (PCNs), mas também incorpora mudanças significativas, principalmente a questão tecnologia.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) define que a alfabetização das crianças deverá ocorrer até o segundo ano do ensino fundamental, com o objetivo de garantir o direito fundamental de aprender a ler e escrever. Sua base também norteia com foco principal da ação pedagógica na alfabetização as especificidades da apropriação do sistema alfabético de escrita (língua).

Segundo a BNCC desde o nascimento, as crianças participam de situações comunicativas cotidianas com as pessoas com as quais interagem. Progressivamente, as crianças vão ampliando e enriquecendo seu vocabulário e demais recursos de expressão e de compreensão, apropriando-se da língua materna – que se torna, pouco a pouco, seu veículo privilegiado de interação.

A BNCC propõe para alfabetização a integração de duas tendências: a perspectiva construtivista, aquela que reconhece a centralidade do texto que tem como objetivo principal o letramento, o trabalho com as práticas sociais de leitura e escrita, a qual proposta assemelha-se aos PCNs quando assume a perspectiva enunciativa-discursiva, ou seja, o sentido não está pronto, vai ser construído na interação entre os sujeitos, e indica ainda a necessidade de sempre considerar a função do texto, a importância da criança de conhecer textos de sua realidade.

A alfabetização e suas práticas aparecem em quatro eixos:

- a) Oralidade, que envolve o conhecimento da língua oral e estratégias de fala e escuta;
- b) Análise Lingüística/Semiótica, que sistematiza, de fato, a alfabetização e seu período de 5 anos;
- c) Leitura/Escuta que se dá devido destaque ao letramento por meio de uma progressiva adequação às estratégias de leitura em variados tipos de texto;
- d) Produção de texto, que também, progressivamente, incorpora estratégias de escrita de diferentes gêneros textuais, sempre aplicado dentro do conceito de práticas letradas situadas.

A BNCC, ao tratar do processo de alfabetização, afirma que é preciso que os estudantes conheçam o alfabeto e a mecânica da escrita/leitura – processos que visam a que além (se) torne alfabetizado, ou seja, consiga “decodificar e codificar” os

sons da língua (fonemas) em material gráfico (grafemas ou letras). Para isso, faz-se necessário desenvolvimento de uma consciência fonológica dos fonemas do português do Brasil e de sua organização em segmentos sonoros maiores como sílabas e palavras) e do conhecimento do alfabeto do português do Brasil em seus vários formatos (letras de imprensa e cursiva, maiúsculas e minúsculas) além do estabelecimento de relações grafofônicas entre esses dois sistemas de materialização da língua (BRASIL, 2017, p.87-88).

Pode-se, portanto inferir que a segunda tendência é o trabalho que permite aos alunos a refletir sobre o sistema de escrita alfabética, considerando as contribuições da perspectiva construtivista (hipóteses da escrita), processos pelo qual a criança se apropria da escrita, e também aponta um trabalho com a consciência fonológica, o conhecimento das letras e dos sons para a criança a evoluir na escrita espontânea. Outra questão apresentada na BNCC é a inclusão de atividades específicas sobre notação alfabética (consciência fonológica), isso não quer dizer que não será trabalhado o texto e sua função social, uma vez que não basta apenas dominar o sistema de escrita para estar alfabetizado, faz-se necessário escrever e ler diferentes gêneros textuais.

Dentro do contexto estabelecido sabe-se que é por meio da capacidade de codificação e decodificação dos sons da língua (os fonemas) em material gráfico (os grafemas), que ocorre a formação da chamada consciência fonológica, que se trata da organização da sonoridade que, em geral, os falantes possuem.

Segundo a BNCC para o processo de alfabetização evoluir é necessário que a criança seja capaz de distinguir desenhos de letras, conhecer o alfabeto da língua materna, perceber a relação entre fonema e fonema. Essas capacidades envolvidas no conhecimento fonográfico são básicas para a alfabetização, que, mais tarde ainda no Ensino Fundamental, será complementada com o conhecimento ortográfico do português brasileiro.

Para a criança concluir o processo de alfabetização, a BNCC pontua oito habilidades fundamentais. São elas: compreender diferenças entre escrita e outras formas gráficas (outros sistemas de representação); dominar as convenções gráficas (letras maiúsculas e minúsculas, cursiva e script), conhecer o alfabeto; compreender a natureza alfabética do nosso sistema de escrita; dominar as relações entre grafemas e fonemas; saber decodificar palavras e textos escritos; saber ler, reconhecendo globalmente as palavras.

## 2.6 CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA E O USO DA TECNOLOGIA

No experimento realizado com alunos da educação infantil comprovou-se que o uso dos jogos digitais de consciência fonológica vem apresentando uma grande melhoria no processo da aquisição da leitura e da escrita, que vão ao encontro dos resultados de pesquisa da tese do doutorado de Americo Amorim.

Neste ensaio ele apresenta atividades que estimulam a consciência fonológica com atividades lúdicas gamificadas desenvolvidas em tablets, onde comprovou-se que as crianças que utilizaram estas atividades avançaram muito no processo da escrita e da leitura.

Consciência fonológica, de acordo com Amorim<sup>2</sup>, é um conceito que une uma série de habilidades relacionadas à capacidade de operar os sons da fala. Podemos afirmar que a manipulação das letras e dos sons pode-se estimular de formas diferentes utilizando diversos jogos para explorar a rima, as sílabas iniciais, mediais, finais, a separação e junção das sílabas. Nessa análise é perceptível que quando bem estimuladas as habilidades que envolvem estes objetos de aprendizagem levam as crianças a lerem e a escreverem melhor.

É importante nesse aspecto salientar as necessidades a serem desenvolvidas e a consciência de que as habilidades fonológicas não se aperfeiçoam ao mesmo tempo, nem em uma mesma atividade. Um bom jogo é desafiador, permite a interação entre os participantes e mostra a eles se alcançaram seu objetivo sem que o professor precise dar essa indicação (SANTOMAURO, 2013, p. 31-33).

Todos estes têm o objetivo de estimular a consciência fonológica de maneira lúdica e prazerosa, já que as crianças da geração alpha querem inventar, interagir e se conectar sempre. Na maioria das vezes esse grupo de crianças são atentas e observadoras, são mais inteligentes, por estarem inseridas em um ambiente com estímulos constantes e a tecnologia se faz presente diariamente, promovendo a interação com o objetivo esperado.

---

<sup>2</sup>NOGUEIRA, F. Jogo digital melhora aprendizagem de leitura e escrita na infância, diz estudo. Disponível em: <<https://porvir.org/jogo-digital-melhora-aprendizagem-de-leitura-e-escrita-na-infancia-diz-estudo/>>

### **3 METODOLOGIA**

O método escolhido para interpretação do material coletado é qualitativo, cujo maior objetivo não é quantificar resultados, mas sim perceber e compreender por que a consciência fonológica é importante na alfabetização. A pesquisa qualitativa “trata da investigação de valores, atitudes, percepções e motivações do público pesquisado, com o objetivo principal de compreendê-lo em profundidade; não se tem, nesse caso, uma preocupação estatística (CHEMIN 2012 apud GONÇALVES; MEIRELLES, 2004).

Além da pesquisa bibliográfica que objetiva compreender alguns conceitos básicos que envolvem a consciência fonológica na criança, traz conceitos sobre alfabetização e as hipóteses da escrita para melhor compreensão dos processos que permeiam o desenvolvimento da consciência fonológica e a importância das tecnologias digitais nos atuais processos de alfabetização.

Quanto aos meios de investigação trata-se de uma abordagem de análise de documentos, segundo Ludke e André, 1986:

“[...] A análise documental constitui uma técnica importante na pesquisa qualitativa, seja complementando informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema.

A pesquisa está engajada a uma investigação empírica envolvendo os teóricos como Emília Ferreiro, Ana Teberosky, Artur Gomes de Moraes, Adams, Foorman, Lundberg, Beeler, dentre outros documentos oficiais que abordam o tema.

### **4 ANÁLISE E DISCUSSÕES**

Após analisar os conceitos referentes a esses elementos em questão, podemos vislumbrar qual a importância da consciência fonológica na alfabetização, uma vez que, por meio desta pesquisa, pode-se compreender a importância de se trabalhar de forma significativa a capacidade de segmentar de modo consciente as palavras em suas menores unidades no processo de alfabetização, o qual desenvolve uma habilidade que acontece de forma simultânea com outras.

A respeito da discussão do uso da tecnologia no processo de alfabetização e no desenvolvimento da consciência fonológica, a revisão da literatura nos informa que a aprendizagem baseada em diferentes recursos tecnológicos, motiva porque é divertida e versátil, sendo possível ser adaptada no processo de leitura e escrita.

A revisão de literatura, nesse contexto, enfatiza a importância do desenvolvimento da consciência fonológica por meio do uso da tecnologia, que enaltece a ideia do quanto é motivante ao ensinar de maneira diferente, ou seja, utilizando-se de diferentes recursos tecnológicos para esta geração; porém, toda essa diferenciação ocorre porque é preciso ser combinada com outras estratégias de aprendizagem, tão funcional quanto ao uso da tecnologia. Vale ressaltar nesse aspecto que é preciso ter em mente, que o uso da tecnologia é apenas uma das formas das crianças aprenderem os mais diversos conteúdos.

Essa dinâmica diferenciada acaba por contribuir com o processo de aprendizagem do aluno podendo afirmar que durante a alfabetização, a apropriação do sistema alfabético-ortográfico é que se conhece os sons das letras, sílabas e palavras, acarretando num aprendizado de forma fluida, contribuindo para a formação de crianças leitoras e produtoras de textos.

Considerando o processo de alfabetização como um todo, temos a prerrogativa de analisar os vocábulos em letras e formas; sons e regras de correspondências. A partir disso, pode-se então afirmar que a estrutura fonológica da linguagem oral serve de base para o processamento fonológico.

Sendo assim, subentende-se que a consciência fonológica na alfabetização deve ocorrer por meio de estímulos e que esse exercício se dá através do desenvolvimento das habilidades trabalhadas, ou seja, da reflexão, identificação e da manipulação dos sons presentes em nossa língua. A criança deve perceber as palavras, as frases, as sílabas, os fonemas; ou seja, os componentes da fala tão importantes para o desenvolvimento das crianças.

Conforme a BNCC pontua os professores têm uma missão imprescindível para a aprendizagem das crianças a partir do conjunto de habilidades que são trabalhadas com elas. Dessa forma, a ação pedagógica deve criar condições para que os conhecimentos prévios dos alunos sejam resgatados e reconhecidos como parte integrante do processo de desenvolvimento da leitura e da escrita.

A consciência fonológica, por sua vez, na alfabetização, exige que seja pensada de forma que vise a contribuir com o aprendizado da criança de maneira



satisfatória. Isso significa que o professor se abstraia de um embasamento teórico sobre a lingüística, compreendendo que o processo de aquisição da língua escrita não se dá pela decodificação e codificação de letras e sílabas, mas de que é preciso que se tenha compreensão em que se consiste o ato de ler e escrever e suas funções sociais.

## **5 CONCLUSÃO**

É notória a presença das tecnologias da informação e comunicação (TICs) em nosso cotidiano, uma vez que se tornam aliadas às boas práticas pedagógicas, possibilitando assim uma nova forma de interação social que contribua efetivamente no processo de alfabetização.

Pautado nesse contexto de que os recursos digitais são importantes no desenvolvimento das habilidades, devemos lembrar que a influência dos recursos tecnológicos, no processo de alfabetização e desenvolvimento da consciência fonológica, não podem ser deixados de lado, já que contribuem mutuamente para as expectativas projetadas. Nesse sentido é importante salientar o uso de jogos, softwares, que facilitam a aprendizagem da criança dentro de um contexto social diferenciado que promoverá de forma lúdica o conhecimento objetivado durante toda pesquisa.

Subentende-se que a utilização dos recursos tecnológicos implica numa mudança significativa no processo de alfabetização. É importante também ressaltar que saber utilizar destas ferramentas é fundamental, principalmente para as crianças da geração Z e alpha, visto que é importante que a criança aprenda a interagir de uma forma mais complexa dentro do mundo digital.

Depreende-se, portanto, que o uso dos jogos implica em uma mudança no processo de ensino aprendizagem, quando bem planejado e orientado, auxiliando na estimulação da consciência fonológica, nas habilidades de observação, análise, levantamento de hipóteses, busca de suposições e tomada de decisões, promovendo uma transformação significativa no ensino.

É fato que, em meados de 1998 chegava ao Brasil, para uso no meio acadêmico, a internet. Em 1996, o acesso à internet por linha discada já havia se expandido. E assim, a nossa geração foi convidada a conhecer um mundo sem limites.

Mal sabíamos que esse novo mundo mudaria a nossa forma de nos comunicarmos e de construirmos o conhecimento e principalmente os métodos de aquisição da leitura e escrita.

Sem perceber, a tecnologia já se fazia presente em todos os locais e, com isso o mercado de trabalho também começou a mudar e a exigir outras habilidades, antes desnecessárias.

Para Kenski (2012) a introdução das novas tecnologias como instrumento para aprendizagem modificam comportamentos e o saber de maneira muito rápida.

“[...] Um saber ampliado e mutante caracteriza o estágio do conhecimento na atualidade. Essas alterações refletem-se sobre as tradicionais formas de pensar e fazer educação. Abrir-se para as novas educações, resultantes de mudanças estruturais nas formas de ensinar e aprender possibilitadas pela atualidade tecnológica é o desafio a ser assumido por toda a sociedade (KENSKI, 2012, p. 41).

Com o avanço da tecnologia, os jogos estão cada vez mais reais e desafiadores. A gamificação é uma excelente estratégia pedagógica, e crescem ações nas salas de aula que tornam o aprendizado mais significativo e real.

Partindo desse pressuposto os jogos digitais passaram então a ter um papel fundamental durante o processo de alfabetização, afinal além de se tornarem o centro das atenções consegue desenvolver a concentração, o raciocínio lógico e a colaboração entre as crianças, incentivando de maneira lúdica a leitura e a escrita. Sabe-se que o ato de jogar exige uma movimentação mental e, em muitos momentos, a criança tem que colocar em prática o aprendizado adquirido para avançar pelas fases, testando hipóteses, além disso, nessa nova abordagem a ação ~~de~~ favorece a apropriação e interpretação dos recursos lingüísticos primordiais à alfabetização. É nesse momento que entra o processo impulsionador da importância em se saber ler e escrever.

De acordo com Perrenoud (2000, p. 26)

“[...] durante muito tempo a tarefa do professor era assimilada à aula magistral seguida de exercícios. Com as novas tecnologias essa concepção de ensino mudou. As novas tecnologias se tornaram então excelentes ferramentas de apoio ao processo educacional. E para essa aderência às novas tecnologias faz-se necessária a competência por parte do docente. A noção de competência designará aqui uma capacidade de mobilizar diversos recursos cognitivos para enfrentar um dos tipos de situações (PERRENOUD, 2000, p.26).

É importante destacar ainda que na literatura, identifica-se que os recursos digitais tais podem ser utilizados, para auxiliar no processo de alfabetização, como uma forma de fazer a criança se acostumar com a leitura e a escrita. O importante nesse dinamismo é ter em mente que a tecnologia na educação não deve ser banalizada, sendo usada sempre de forma significativa, o aplicativo e o software são ótimas ferramentas que podem ajudar nesse processo, afinal, tanto uma quanto a outra contém elementos visuais que incentivam a leitura e a escrita.

É fundamental, portanto ter o conhecimento de que utilizar a tecnologia em sala de aula e no processo de alfabetização é algo que precisa ter um bom planejamento pedagógico para que não se torne apenas uma distração para as crianças. Tais recursos são lúdicos e proporcionam uma experiência mais ampla para as crianças que estão aprendendo as palavras, seus sons e significados. Vale, nesse contexto, oportunizar as ferramentas que a tecnologia oferece como forma de aprimorar o trabalho e diversificar as estratégias a respeito do processo.

## REFERÊNCIAS

ADAMS, M. J, Foorman, B. R.; Lundberg, I.; Beeler, T. Consciência fonológica em crianças pequenas. Porto Alegre: Artmed, 2005. 182p.

BACCIN, A. C.; CONCEIÇÃO, M.L.; AGUIAR, P. M. Alfabetização: o planejamento e a organização do trabalho pedagógico para o ensino da Língua Portuguesa.

Disponível em <<https://sites.google.com/site/grupoalemarialuciapatricia/home/1-identificacao>>

BAPTISTA, M. C. Apropriação da linguagem escrita na Educação Infantil. Disponível em: <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/apropriacao-da-linguagem-escrita-na-educacao-infantil>>

BARRERA, S.D.; MALUF, M.R. Consciência metalingüística e alfabetização: um estudo com crianças da primeira série do ensino fundamental. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 491-502, 2003.

BRASIL. Base Nacional comum curricular. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>

BRASIL. Ministério da Educação. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – Currículo na alfabetização: concepções e princípios. Brasília: 2012. 48p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>

SILVA, P. A. G.; BORGES, M. L. Implicações de um Cenário Multigeracional no Ambiente de Trabalho: Diferenças, Desafios e Aprendizagem. In: Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho, IV, 2013, Brasília.

CAPOVILLA, A. G. S.; CAPOVILLA, F. C. Efeitos do treino de consciência fonológica em crianças com baixo nível sócio-econômico. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. v.13, n.1, p.7-24, 2000.

CARDOSO-MARTINS, C. A consciênci fonológica e a aprendizagem da leitura e da escrita. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 76, p. 41-49, 1991.

CAVALHEIRO, L. G.; SANTOS, M. S.; MARTINEZ, P. C. Influencia da consciênci fonológica na aquisição da leitura. **Rev. CEFAC**. v. 12, n. 6, p. 1009-1016, 2010.

CHEMIN, B. F. Manual da Univates para trabalhos acadêmicos: planejamento, elaboração e apresentação. 2. ed. Lajeado: Ed. da Univates, 2015. 315p.

EZENWABASIL, M. Como as diferentes gerações aprendem. *Revista Educação*, 2016. Disponível em: <<https://revistaeducacao.com.br/2016/12/01/como-diferentes-geracoes-aprendem/>>

FERREIRO, E. Reflexões sobre alfabetização. São Paulo, Cortez, 1991.

FERREIRO, E. Reflexões sobre alfabetização. São Paulo, Cortez, 1995.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, P. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

GAROFALO, D. Como as tecnologias contribuem para o processo de Alfabetização. 2018. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/4854/blog-tecnologia-como-as-tecnologias-contribuem-para-o-processo-de-alfabetizacao>>

GOMBERT, Jean Emile. General considerations. In: Metalinguistic development. Chicago, University of Chicago, 1992.

IRA, International Reading Association. Phonemic Awareness and Teaching of Reading. A position Statement from the Board of Directors of the International Reading Association, 1998. Disponível em: <[https://www.literacyworldwide.org/docs/default-source/where-we-stand/phonemic-awareness-position-statement.pdf?sfvrsn=944ea18e\\_6](https://www.literacyworldwide.org/docs/default-source/where-we-stand/phonemic-awareness-position-statement.pdf?sfvrsn=944ea18e_6)>

KENSKI, V. M. Tecnologias e ensino presencial e a distância. 9. ed. São Paulo: Papirus, 2012.

LOPES, J. R.; ABREU, M. C. M.; MATTOS, M. C. E. Caderno do educador: alfabetização e letramento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2010. 68 p.

LOPES, R. T.; PEREIRA, A. C.; SILVA, M. A. D. Análise comparativa da familiaridade e uso das TIC por alunos de Odontologia. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 40, n. 2, p. 254-260, 2016.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária (EPU), 1986.

MORAIS, A. Sistema de Escrita Alfabética. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

MORAIS, A. G. Consciência fonológica na educação infantil e no ciclo de alfabetização. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. 240p.

NOGUEIRA, F. Jogo digital melhora aprendizagem de leitura e escrita na infância, diz estudo. Disponível em: <<https://porvir.org/jogo-digital-melhora-aprendizagem-de-leitura-e-escrita-na-infancia-diz-estudo/>>

OLIVEIRA, K. C. R.; SANTOS, L. M. Os jogos de consciência fonológica e suas contribuições para a alfabetização. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia). Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium. Lins, 2013.

PERRENOULD, Philippe. **10 novas competências para ensinar**. Convite à viagem. Tradução: Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre, Artimed, 2000.

RECH, I. M., et al. Geração Z, os nativos digitais: como as empresas estão se preparando para reter esses profissionais. **Revista Tecnológica**. v 6, n. 1, p 152-166, 2017.

RIBEIRO, V. S. Consciência fonológica e aprendizagem da leitura e da escrita: uma análise dessa relação em crianças em fase inicial de alfabetização. Entre palavras, Fortaleza - ano 1, v.1, n.1, p. 100-116, 2011. Disponível em: <[http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/23542/1/2011\\_art\\_vsribeiro.pdf](http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/23542/1/2011_art_vsribeiro.pdf)>

ROCHA, V. S. Geração Z: Uma análise das ferramentas empregadas pelos alunos do Ensino Médio para estudar fora da sala de aula os conteúdos de Física, Química e Biologia. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Física). Instituto Federal de Minas Gerais. Congonhas, 2017.

SANTOMAURO, B. JOGO: Quando, como e por que usar. **Revista Nova Escola**. São Paulo, n. 260, 2013.

SOARES, M. Alfabetização. Disponível em: <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/alfabetizacao>>

TOLCHINSKY, L.; TEBEROSKY, A. Além da alfabetização. Porto Alegre, Ática, 1996.

TOLEDO, P. B. F.; et al. O Comportamento da Geração Z e a Influência nas Atitudes dos Professores. Simpósio de Excelência e Gestão em Tecnologia: anais. 9. Resende, 2012.

VAL, Maria da Graça Costa. O que é ser alfabetizado e letrado?. In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena (Org.). **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação (MEC), 2006. p. 18-23.

WIESEL, G. Geração Z: sustentáveis, exigentes e seus futurosclientes. Sua empresa está preparada? **Administradores.com**, 2010. Disponível em: <<https://administradores.com.br/noticias/geracao-z-sustentaveis-exigentes-e-seus-futuros-clientes-sua-empresa-esta-preparada>>